

Cliente: FenaSaúde
Veículo: folha.uol.com.br
Data: 01/07/2021
Página: 01
Seção: Opinião

opinião > colunas e blogs tendências/debates o que a folha pensa opiniões da folha ombudsman charges

OPINIÃO • DENIZAR VIANNA ARAUJO

Acesso à saúde, com mais qualidade e segurança

Brasil não pode retroceder na incorporação de novas tecnologias



Denizar Vianna Araujo

Professor titular da Faculdade de Ciências Médicas e pró-reitor de Saúde da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj)

Se a [pandemia de Covid-19](#) carrega consigo algum aspecto positivo, este certamente é o de ter transformado a saúde numa preocupação global e em tema central da humanidade. Para nós, que vivemos o dia a dia da área, já são bem conhecidos há tempos os enormes desafios que a contínua ampliação da assistência às pessoas implica. Temos agora a chance de ver muito mais pessoas seriamente empenhadas em equacionar esses muitos e difíceis problemas.

Nessa missão, devemos partir de uma premissa necessária: a qualidade da assistência que conseguiremos prover à população depende do modelo de avaliação que definirá o que deve ou não ser posto à disposição dos pacientes, em quais condições e como. Significa dizer que o atalho mais curto para o erro é imaginar que possamos oferecer tudo a todos e a qualquer custo. O sucesso da expansão do acesso à saúde exige critérios de análise cada vez mais rigorosos.

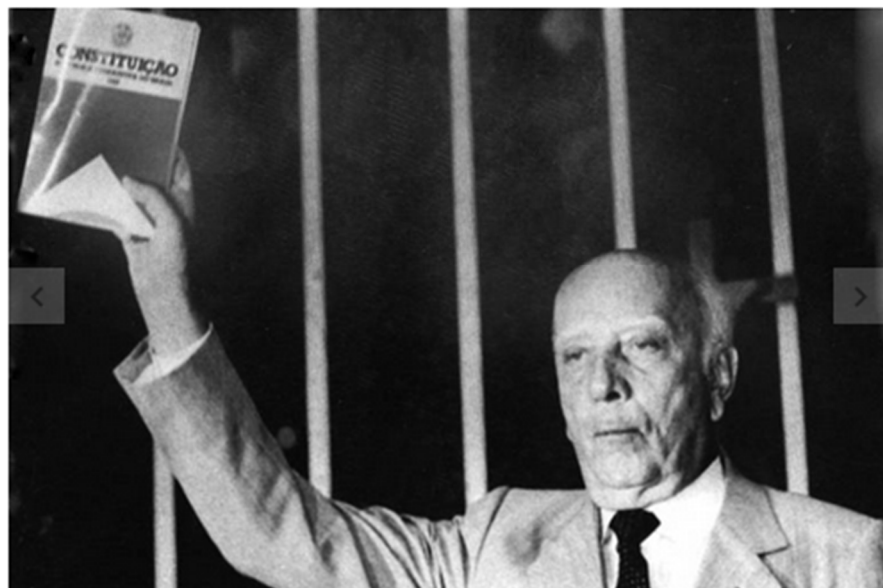
1 / 10 Sistema Único de Saúde (SUS)



2 / 10 Sistema Único de Saúde (SUS)



3 / 10 Sistema Único de Saúde (SUS)



4 / 10 Sistema Único de Saúde (SUS)



5 / 10 Sistema Único de Saúde (SUS)



6 / 10 Sistema Único de Saúde (SUS)



São de responsabilidade do SUS as campanhas de vacinação e a distribuição de vacinas por todo território nacional Danilo Verpa - 11.abr.2016/Folhapress



7 / 10 Sistema Único de Saúde (SUS)



O SUS também fornece, gratuitamente, medicamentos para doenças como diabetes, hipertensão, Alzheimer e HIV Rubens Cavallari - 29.mar.2019/Folhapress



8 / 10 Sistema Único de Saúde (SUS)



As pesquisas epidemiológicas, por exemplo, também são financiadas pelo SUS. Na foto, pesquisador do laboratório do ICB-USP analisa amostra de sangue contaminado pelo zika vírus Diego Padgurschi - 26.fev.2016/Folhapress



9 / 10 Sistema Único de Saúde (SUS)



O SUS, de acordo com o Ministério da Saúde, é o maior sistema público de transplantes de órgãos do mundo e financia cerca de 96% dos procedimentos desse tipo no Brasil. Na foto, equipe de cirurgia realiza transplante cardíaco no Instituto do Coração (INCOR), em São Paulo
Lalo de Almeida - 10.mai.2018/Folhapress

10 / 10 Sistema Único de Saúde (SUS)



Por causa da pandemia do coronavírus, até junho de 2020, o SUS criou mais de 9 mil leitos de UTI. Cerca de 75% da população brasileira, de acordo com o IBGE, depende exclusivamente do SUS para atendimento médico
Eduardo Anizelli - 14.mai.2020/Folhapress

Saúde envolve escolhas. Diante de restrições orçamentárias cada vez mais desafiadoras, tanto no SUS quanto no [sistema suplementar](#), é imperativo buscar oferecer aos pacientes os tratamentos que sejam capazes de produzir melhores desfechos clínicos, com mais segurança e qualidade, uso mais racional dos recursos e orçamentos mais factíveis. O caminho para tanto envolve a síntese e a análise crítica da literatura técnica, a análise de custo-efetividade e a avaliação de impacto orçamentário. Isso tem nome: a [Avaliação de Tecnologias em Saúde](#), a chamada ATS.

A ATS é o estado da arte em qualquer parte do mundo em termos de análise e escolha do que deve ser oferecido à população na forma de insumos e procedimentos de saúde. No Brasil, há duas instâncias nas quais essa avaliação é realizada: a Conitec (Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias), no caso de procedimentos incorporados para serem oferecidos pelos SUS, e o Cosaúde, o Comitê Permanente de Regulação da Atenção à Saúde da ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar), que define as coberturas obrigatórias impostas às operadoras de planos de saúde.

Essa é a boa regra, que poderia ser aperfeiçoada se adotássemos no país uma instância única, independente, na forma de uma agência unificada robusta, ainda mais bem dotada e equipada, para fazer as avaliações tanto para o sistema público quanto para o suplementar. Essa é uma boa meta para quem se dedica seriamente a melhorar o acesso dos brasileiros à saúde, de forma equânime.

1 / 4 Meu convênio, minha vida



O representante comercial Pedro Cesar Utsch de Leão, 62, no prédio onde mora em São Paulo
Lucas Seixas/Folhapress/

2 / 4 Meu convênio, minha vida



A publicitária Shirlei Aparecida Alves da Silva, 42, na zona norte de São Paulo Lucas Seixas/Folhapress/

3 / 4 Meu convênio, minha vida



A pedagoga Solange Maria Aparecida Giampietro, 52, em seu apartamento na capital paulista Lucas Seixas/Folhapress/

4 / 4 Meu convênio, minha vida



A aposentada Maria Fátima de Oliveira, 67, em sua casa na zona sul de SP Lucas Seixas/Folhapress/

No entanto, estamos neste momento caminhando em sentido oposto: corremos o risco de regredir nos avanços obtidos com esse importante processo de avaliação de tecnologias, procedimentos e medicamentos de saúde. Sem ele, também colocamos em xeque a segurança dos pacientes e a sustentabilidade econômico-financeira do sistema nacional de saúde. Vamos entender por quê.

Tramita na Câmara dos Deputados o [projeto de lei 6.330/2019](#), que estabelece que medicamentos oncológicos de uso oral terão cobertura automática pelos planos de saúde tão logo sejam aprovados na Anvisa. Esta agência atesta as condições de eficácia e segurança para comercialização do produto —em muitos casos, após apenas testes de fase 2, ou seja, parciais, não conclusivos. A Anvisa não mede, portanto, ganhos terapêuticos, não avalia, em suma, se determinado medicamento compensa —em termos de resultados e custos— ou não em relação a alternativas já disponíveis no mercado. Esse papel, no caso da saúde suplementar, cabe exclusivamente ao Cossaúde na ANS, em linha com as melhores práticas globais.

A justificativa dos que defendem o projeto de lei que revoga prerrogativas hoje garantidas à ANS é que o processo de atualização do rol de procedimentos cobertos pelos planos de saúde é muito lento, pois leva em média dois anos. Têm razão. Mas a resposta a esse problema é buscar formas de dar maior celeridade à análise e não acabar com ela, como estabelece o texto em discussão na Câmara. A solução é, sim, mais rapidez, mas sem perder a necessária segurança que garante a qualidade do atendimento ao paciente, com base nos melhores parâmetros da ciência mundial.

1 / 8 seminário Medicina de Precisão contra o Câncer



A jornalista Susana Napolini durante o seminário Medicina de Precisão contra o Câncer, realizado pela Folha em São Paulo Reinaldo Canato/Folhapress/



2 / 8 seminário Medicina de Precisão contra o Câncer



Mesa de edição de imagens durante o seminário Medicina de Precisão contra o Câncer, realizado pela Folha em São Paulo Reinaldo Canato/Folhapress/



3 / 8 seminário Medicina de Precisão contra o Câncer



Jorge Alberto Bernstein Iriart (esq.), sociólogo e professor do UFBA, Katia Ramos Leite, professora da USP e vice presidente da Sociedade Brasileira de Patologia, Luis Felipe Ribeiro Pinto, farmacêutico e bioquímico, pesquisador no Inca, Rodrigo Munhoz, oncologista do Centro de Oncologia do Hospital Sirio-Libanes e Cláudia Collucci, colunista e repórter especial da Folha Reinaldo Canato/Folhapress/

4 / 8 seminário Medicina de Precisão contra o Câncer



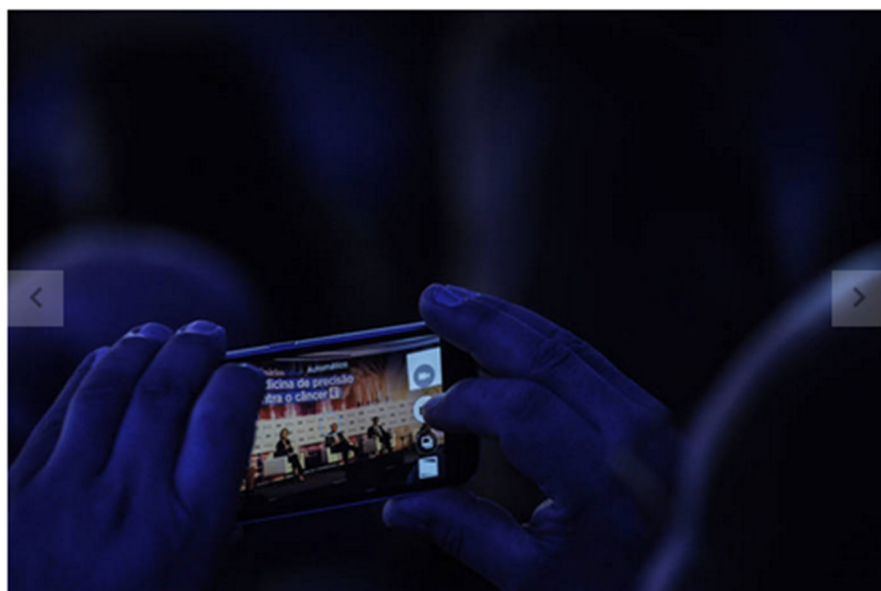
Bryan Eric Strauss (esq.), biólogo molecular pesquisador no Icesp, Clarissa Baldotto, diretora do Núcleo de Integração Oncológica da Oncologia D'Or, Marcelo Cruz, oncologista fellow da Northwestern University (EUA), Claudia Collucci, jornalista da Folha em debate do seminário Reinaldo Canato/Folhapress/

5 / 8 seminário Medicina de Precisão contra o Câncer



A jornalista Susana Napolini durante o seminário Medicina de Precisão contra o Câncer, realizado pela Folha em São Paulo Reinaldo Canato/Folhapress/

6 / 8 seminário Medicina de Precisão contra o Câncer



Participante do seminário Medicina de Precisão contra o Câncer fotografa mesa de debates Reinaldo Canato/Folhapress/

7 / 8 seminário Medicina de Precisão contra o Câncer



Mesa de debates durante o seminário Medicina de Precisão contra o Câncer, realizado pela Folha em São Paulo Reinaldo Canato/Folhapress/

8 / 8 seminário Medicina de Precisão contra o Câncer



Susana Napolini (esq.), jornalista, Marcia Stephan, psico-oncologista, Juvenal Filho, oncologista na clínica OncoCamp e a jornalista da Folha Beatriz Peres Reinaldo Canato/Folhapress/

A ATS é uma conquista civilizatória dos sistemas de saúde. Em todo o mundo. Todos os sistemas de saúde, dos mais aos menos avançados, a adotam, alguns com critérios muito mais rigorosos que os brasileiros —como é o caso do sistema britânico, um paradigma para o SUS. Não podemos, portanto, andar para trás nisso, uma vez que, se aprovada, a incorporação automática de [antineoplásicos orais](#) tenderá a criar precedente para todos os [demais medicamentos](#).

Mas podemos, sim, avançar bem mais no nosso modelo de incorporação de novos procedimentos em saúde. Como? É consenso que o processo precisa ser acelerado. Esse ponto deve estar resguardado numa proposta alternativa que substitua o projeto de lei hoje na mesa. Considero os modelos e os prazos adotados na Conitec —180 dias para análise, com até mais 90 dias de prorrogação, mas sempre sujeito à ATS — como o melhor parâmetro a ser replicado.

1 / 4 A importância do diagnóstico



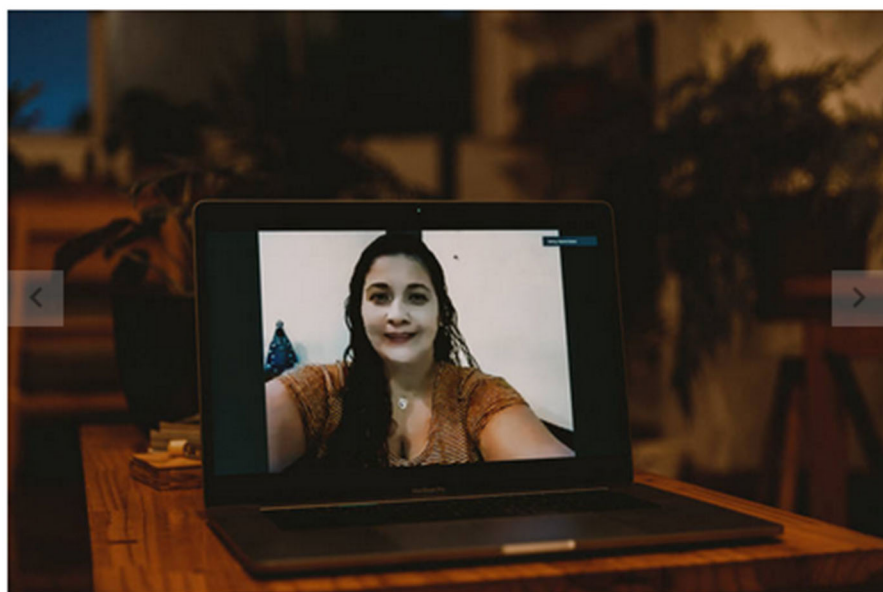
A paulistana Daniela Fernandes, 42, procurou o posto de saúde após desconfiar de câncer de mama, mas sua consulta com mastologista foi agendada para dali a três meses; com ajuda de uma assistente social, conseguiu uma antes e agora aguarda uma biópsia para saber se a lesão que achou é maligna Gabriel Cabral/Folhapress/

2/4 A importância do diagnóstico



A designer de interiores Viviam Mota, 40, descobriu um câncer de mama durante a gestação; uma nova lesão descoberta depois faz com que ela realize exames a cada três meses, mesmo na pandemia Gabriel Cabral/

3/4 A importância do diagnóstico



Moradora de São Gonçalo (RJ), Carla Brito, 41, demorou cerca de um ano após os primeiros sintomas para saber que tinha câncer de colo de útero; só descobriu quando retirou o órgão com médico particular, enquanto esperava por exames na fila do SUS Gabriel Cabral/

4 / 4 A importância do diagnóstico



Com histórico familiar de câncer, a confeitadeira Cristhiane Marton, 44, teve mamografia atrasada durante pandemia; quando fez o exame, descobriu nódulos em ambos os seios, mas aguarda confirmação Gabriel Cabral/

Outro aspecto diz respeito à adoção de novos modelos de incorporação e aquisição de tecnologias em saúde em que os riscos sejam mais bem divididos. Hoje, custos e riscos são suportados unicamente pelos pagadores —ou seja, o cidadão que recolhe tributos, no caso do SUS, e os beneficiários de planos de saúde, no sistema suplementar. Durante a gestão do ministro Luiz Henrique Mandetta no Ministério da Saúde, tentamos levar adiante um novo modelo de financiamento baseado no compartilhamento de riscos com a indústria farmacêutica. A experiência é embrionária e deveria ser encarada com mais seriedade como opção num cenário de custos crescentes na saúde e limitações cada vez mais intensas nos orçamentos públicos e privados.

O que é fora de questão é que o Brasil precisa andar para frente e não retroceder em termos de incorporação de novas tecnologias em saúde. Nosso sistema é bom, alinhado às melhores práticas globais. A discussão do projeto de lei em tramitação no Congresso abre a possibilidade de aperfeiçoá-lo ainda mais. O que não podemos é abrir mão da segurança que garante a qualidade do acesso dos brasileiros à saúde, algo que só os processos de ATS proporcionam aqui e no mundo todo.

TENDÊNCIAS / DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

<https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2021/07/acesso-a-saude-com-mais-qualidade-e-seguranca.shtml>

Cliente: FenaSaúde
Veículo: folha.uol.com.br
Data: 01/07/2021
Página: 017
Seção: Opinião